



Cao Hamburger

Luta por educação de qualidade foi protagonista da novela *Malhação*



Educação Infantil

Brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento das crianças



Ponto e vírgula

Concordância é variável e insiste em discordar de regras gramaticais

revistaeducacao.com.br

EDUCAÇÃO

ANO 21 Nº 248

Pornografia

Precisamos
falar sobre isso

A facilidade de acesso — de jovens e até crianças — a conteúdo impróprio, violento, misógino e perverso obriga escolas e famílias a rever radicalmente o que se entende por educação sexual na era da internet

PONTO E VÍRGULA

REVIRAVOLTAS

DA CONCORDÂNCIA

Pesquisas mostram que regras gramaticais não estão diretamente relacionadas ao funcionamento real da concordância, que tem se revelado variável no Brasil

| CAMILA PLOENNES E MARIANA BRASIL,
DA REVISTA *LÍNGUA PORTUGUESA*

Quando Millôr Fernandes morreu, em março de 2012, o jornalista Luiz Zanin Oricchio, colunista de cultura de *O Estado de S. Paulo*, publicou na internet o texto “Morreram Millôr Fernandes”. Na homenagem ao escritor, humorista e dramaturgo – para citar algumas funções desempenhadas por Millôr –, Zanin explicou que o mesmo tipo de concordância verbal havia sido estampado pelo jornal *O Dia* menos de uma semana antes. A capa anunciava “Morreram Chico Anysio”, destacando que o artista interpretou mais de 200 personagens ao longo de sua carreira.

O jornalista também esclareceu que, de forma certeira, esse uso poético do “erro” de concordância já se destacava entre os versos de “Atriz”, poema de Carlos Drummond de Andrade em tributo àquela que então era considerada a maior atriz do teatro brasileiro:

“A morte emendou a gramática.

Morreram Cacilda Becker”.

Nos três casos, verbo e sujeito não concordam porque ocorreria uma exceção à norma chamada silepse, uma concordância por assim dizer “enfática” ou ideológica. Ela torna importante muito mais o sentido das palavras do que a regra de concordar o predicado com o número e a pessoa. Mas como nem todo desvio ao padrão da língua é notadamente intencional como o de Drummond, linguistas estudam amostras de fala e escrita da população para mapear a história da concordância do português brasileiro.

CONCORDÂNCIA ZERO

Pesquisas recentes têm verificado que a falta de cumprimento às regras de concordância (e não só a elas) da gramática tradicional parece decorrer do próprio funcionamento da língua e dos processos cognitivos envolvidos no uso que o falante pratica.





Um desses estudos é de Flávia Orci Fernandes, doutoranda em linguística na **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, que se dedica desde 2013 a descrever e analisar a história da concordância especificamente em sentenças adjetivas (ou relativas) do português brasileiro – que são, *grosso modo*, orações equivalentes a adjetivos.

Exemplo de concordância plena nesse caso é a frase “Ela, que sabe matemática, ajudou seus colegas no trabalho final”. Já em “O importante é que o professor proponha diferentes atividades que envolva diferentes processos mentais” ocorre uma relação de concordância zero, em que só um dos termos da relação de concordância carrega os traços de pessoa, gênero e número (“O importante é que o professor proponha”), enquanto o outro não: a oração “que envolva diferentes processos mentais” é empregada pelo falante sem concordar com “atividades”.

– A concordância zero, vista pela gramática tradicional muitas vezes como um erro, indica as mudanças gramaticais que ocorrem na língua – afirma Flávia.

MITOS DESFEITOS

A tese dela é baseada em dados dos séculos 19 ao 21, de escrita e, quando possível, de fala, considerando a relação de concordância entre termos de uma frase como produto de todos os sistemas linguísticos que formam o idioma – gramática, semântica, léxico e discurso. A frase analisada acima, aliás, está no *corpus* da pesquisa Norma Urbana Linguística Culta no Brasil (Projeto Nurc), que gravou 1.500 horas de falas em cinco capitais brasileiras entre 1970 e 1978, reunindo o trabalho de 32 pesquisadores de 12 universidades do país. Na cidade de São Paulo, o projeto foi coordenado pelo linguista Ataliba Teixeira de Castilho, orientador de Flávia.

Atualmente o pesquisador coordena o projeto temático de pesquisa “Para a História do Português Brasileiro”, iniciado em 1998, e é editor geral da obra coletiva *História do Português Brasileiro*, que começou em 2011 e resultará em cinco volumes baseados em materiais de pesquisa como os do Projeto Nurc. Um dos capítulos da obra é sobre concordância, escrito por Castilho e mais cinco colaboradores, incluindo Flávia.

Fundamentada no Projeto Nurc, a *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (2006) já desconstruía o mito de que a falta de concordância teria correlação ex-

istocphoto

PONTO E VÍRGULA

clusiva com baixa escolaridade. Na verdade, a pesquisa mostrou que a elite letrada nem sempre concorda verbo e sujeito ao falar, principalmente quando o sujeito aparece no fim da sentença, bem depois do verbo.

São comuns na oralidade construções como:

“Chegou, depois de muita espera, reclamação e teimosia de minha parte, as peças que eu estava esperando da concessionária”.

A falta de concordância do sujeito posposto é recorrente em Portugal, alerta o professor Alexandre Monte, coordenador do núcleo pedagógico da Diretoria de Ensino da Prefeitura de São Carlos (SP). Ele fez um estudo descritivo-comparativo entre o português falado na cidade de Évora, em Portugal, e o falado em São Carlos, quando fazia doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

– Em Portugal, encontramos mais falta de concordância quando o sujeito está posposto ao verbo. Frases como “Chegaram os livros” as pessoas falam “Chegou os livros”. O interessante é que entrevistei pessoas analfabetas nos dois países e a concordância não é uma questão de como se dá a escolarização das pessoas – ressalta Monte.

Por outro lado, de acordo com a pesquisa de Monte, no português falado em Portugal não há uma regra de concordância verbal variável como há no português do Brasil.

– Em Portugal, a regra tem um *status* semicategórico em relação à concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Ou seja: a concordância está presente na maior parte das vezes, embora em alguns casos ocorra, sim, divergência da gramática padrão. São poucos casos em contextos específicos em que a não concordância ocorre – avalia o pesquisador.

EUROPA

Na amostra do português brasileiro, Monte identificou 48,2% de presença de concordância verbal. Já na amostra do português europeu, encontrou 93,1%. Para ele, o massivo contato entre línguas diferentes na história da formação sociolinguística brasileira, como idiomas africanos e indígenas, também pode explicar as diferenças de emprego de concordância entre o português brasileiro e o europeu, anotadas por ele em sua pesquisa.

– A dificuldade é, portanto, relativa, tendo em vista as pressões naturais entre as regras impostas (pela norma

Cuitelinho

(Cancioneiro popular)

Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espaia
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai

Ai quando eu vim
da minha terra
Despedi da parentália
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaias
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes batáia, ai, ai

A tua saudade corta
Como aço de naváia
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
E os óio se enche d'água
Que até a vista se atrapaía, ai...

padrão) e as regras que efetivamente ocorrem nas relações cotidianas de fala e escrita. A concordância não pode ser descrita em termos de regras categóricas. A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dadas a complexidade dos fatores determinantes da concordância e a instabilidade em sua execução em nossa língua – explica Flávia.

MORFOLOGIA

A pesquisadora aponta que a concordância é uma das propriedades que sinalizam a conexão sintática da língua – ou seja, a integração dos itens sintáticos em conjuntos que formem sentido – e é expressa pela morfologia disponível em cada sistema gramatical. Como